

Universidade Federal Da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Música
Mestrado em Etnomusicologia

PAPEL DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO SEGUNDO PLATÃO

MUS 504 – ESTUDOS ESPECIAIS

Aluno: Hugo Leonardo Ribeiro

Prof. Faidros Kavallaris

Julho de 2001

Introdução

O presente trabalho versa sobre os conceitos platônicos de educação musical do bom indivíduo formador da cidade ideal por ele elaborado na *República*. Tendo como pilares da educação a música e a ginástica, Platão (através das palavras de Sócrates) discute o uso da música no modelamento do caráter do cidadão.

O tema escolhido foi influenciado pela minha intensa vivência como educador musical, e necessidade de aprofundar-me em teorias que me possibilitassem um domínio filosófico do saber musical. E nada melhor do que começar com Platão, que apesar de elaborar conceitos contextualizados, desenvolve uma linha de raciocínio vital para a sustentação da música como parte essencial da educação humana. Portanto, para todo e qualquer educador com um mínimo de pensamento político-social, se faz necessário um entendimento dos escritos de Platão sobre música.

Para melhor entender o assunto abordado foi necessário valer-me de leituras complementares de outros autores sobre o mesmo assunto, entre os quais Peter Fletcher e Julius Portnoy, desenvolvendo uma visão crítica e mais abrangente. Faz-se necessário também a crítica sobre a versão utilizada da *República*, cuja tradução para o português de Enrico Corviseri, apesar de esclarecedora em alguns aspectos histórico-filosóficos através de notas de rodapé, é questionável nos termos musicais, sendo imprescindível a versão em inglês de Oliver Strunk, renomado musicólogo, traduzindo-se numa maior confiabilidade nos mesmos.

O texto está dividido em três partes.

- Platão: Vida e Obra
- *A República*
- A Música Pós-Platão

A primeira parte faz uma pequena introdução ao filósofo, contextualizando suas idéias, além de discutir o papel de Sócrates na obra de Platão. Na segunda parte, procuro levantar os conceitos por ele desenvolvido na *República*, revisando os conceitos de *ethos*, e outras disciplinas formadoras do bom cidadão. Por fim, na terceira parte, tentarei fazer um paralelo das idéias desenvolvidas por Platão e a educação musical moderna. Suas contribuições, contradições, utilizações e não-utilizações, e como Platão influenciou as gerações futuras no olhar sobre o papel da música na sociedade.

Platão: Vida e Obra¹

Platão nasceu em Atenas em 428 a.C., e morreu em 348 a.C. Nessa época, Atenas vivia uma diferente forma de democracia, um governo exercido pelo povo, ou melhor, somente por aqueles que possuíam direitos de cidadania, estando excluídos as mulheres, os escravos e os estrangeiros. Esses cidadãos tinham direitos iguais de expressão nos debates da Assembléia, porém somente os que eram dotados com o poder da oratória se expressavam, persuadindo o auditório a aceitar suas posições. No final o que se viam eram uns poucos que comandavam por muito tempo a política ateniense.

Aí entram os sofistas, professores de eloquência que se dispunham a ensinar os que tivessem condições de pagá-los a arte da retórica. Como os únicos que podiam pagá-los eram a “aristocracia” ateniense, assim perpetuavam-se no poder sobre a Assembléia.

Descendente de uma família de políticos, Platão conhecia de perto os bastidores da política ateniense, mas desde cedo demonstra um despreço pelos políticos da época. Foi na juventude que Platão conheceu Sócrates, por quem desenvolveu uma grande admiração, tornando-se seu discípulo e principal propagador de suas idéias.

Diferentemente dos sofistas, Sócrates acreditava ter uma missão a ele confiado pelo Oráculo de Delfos, que era de dialogar com as pessoas derrubando todos os seus conceitos supérfluos, revelando a fragilidade de suas opiniões, levando-as a reconhecer sua própria ignorância, para então reconstruir juntamente com seu interlocutor um pensamento próprio desse, desembocando no famoso preceito “conhece-te a ti mesmo”. Seus interlocutores não eram escolhidos de acordo com situação financeira, nem de status social, mas tão somente pela sua capacidade de apreender os ensinamentos que estava disposto a passar, realizando um

¹ Este capítulo foi escrito baseando-se nas obras: Janice Florido, coord. ed.. *Platão*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 2000 e, José Américo Motta Pesanha, “Sócrates: Vida e Obra” In *Sócrates*, Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1996.

processo de auto conhecimento. E através desse auto conhecimento, Sócrates refletia sobre quais as escolhas que fazemos em vida, e o significado de tudo isso perante a morte.

Sócrates não deixou nenhum texto escrito, sendo as únicas referências a sua existência através dos textos de seus discípulos e/ou contemporâneos, entre os quais Xenofonte, Aristófanes e Platão. É dito que Aristófanes foi o único contemporâneo de Sócrates cujo texto a quem faz referência sobreviveu até os dias atuais. Em uma de suas comédias, *As Nuvens*, Aristófanes faz uma caricatura do jovem Sócrates, atribuindo-lhe características dos sofistas, como um protótipo dos filósofos que especulavam sobre os fenômenos celestes. Provavelmente esta seja a única prova que refuta a concepção de Sócrates como uma invenção platônica, defendida por uma corrente de historiadores.

Mas é através de Platão que as idéias de Sócrates se amplificam. Ou seria o contrário, que é através de Sócrates que as idéias de Platão são desenvolvidas?

Como muitos dos diálogos escritos por Platão se utilizam Sócrates como interlocutor, assim como na *República*, é questionável até onde as idéias desenvolvidas nesses textos pertencem a um, ou a outro. Sabe-se que nos primeiros textos, entre os quais *A República* (todo construído em cima de um diálogo entre Sócrates e outros personagens), *Apologia de Sócrates e Diálogos*. Mas é durante a formulação da “Doutrina das idéias” que o pensamento platônico começa a tomar outro rumo, distanciando-se daquela que seria a linha de pensamento do seu mestre, tendo nessa fase uma de suas mais importantes produções, *As Leis*.

A República

- **Paidéia**

A República está dividido em dez livros, no qual aparece Sócrates como locutor principal, tendo como co-participantes Glauco, Polemarco e Adimanto, entre outros. O texto gira em torno de uma questão central: O que é justiça?

Para responder essa questão, Sócrates começa a argumentar se é vantajoso ou não para um indivíduo ser justo. Para chegar a conclusão de que o indivíduo só é feliz se for justo, Sócrates concebe, juntamente com seus interlocutores, o que seria a cidade ideal, onde o cidadão deveria abrir mão de sua individualidade em prol da coletividade, e que um cidadão só seria feliz se toda a cidade estivesse em harmonia, cada qual exercendo sua função sem interferir no papel do próximo.

Para Platão Paidéia era mais do que a simples educação do homem. “Ele estendeu o significado para além da destreza: no mesmo contexto Paidéia é amar a bondade e ter aversão ao mal” (Anderson; 1980:855). A educação deve edificar o cidadão, senão não é educação.

Para tanto, a educação seria o alicerce de tal cidade, onde os cidadãos seriam educados de acordo com seu “Dom” natural, tendo na música e na ginástica seus pilares centrais:

Sócrates – Tal será então o caráter do nosso guerreiro. Mas como educá-lo e instruí-lo? O exame dessa questão pode ajudar-nos a descobrir o objeto de todas as nossas pesquisas, isto é, como surgem a justiça e a injustiça numa cidade (...) Mas que educação lhe proporcionaremos? Será possível encontrar uma melhor do que aquela que foi descoberta ao longo dos tempos? Ora, para o corpo temos a ginástica e para a alma, a música. (Platão; 2000:II, 63-4)

Logo após, Sócrates discursa sobre a necessidade da música preceder à ginástica na formação do indivíduo, sabendo que é a alma quem molda o corpo e não o contrário.

Para Platão, a música seria capaz de atingir mais profundamente a alma de um cidadão, podendo moldá-la para o bem ou para o mal. O uso correto da educação musical iria abrandar os irascíveis e afastar os maus vícios, assim como atrairia as boas virtudes, coragem, ordem à alma e até mesmo justiça. No trecho seguinte, Sócrates discute com Glauco e Adimanto sobre as várias formas de governo, e ao caracterizar o cidadão que corresponde ao estado oligárquico como presunçoso, avarento e ambicioso diz:

Sócrates – Um homem desse tipo poderá, durante a mocidade, desprezar as riquezas, mas com o correr dos anos mais as amará, porque sua natureza incita-o à avareza, e a sua virtude, privada do seu melhor guardião, não é pura.

Adimanto – Qual é esse guardião?

Sócrates – A razão aliada à música. Só ela, quando entranhada na alma, se mantém toda a vida como defensora da virtude. (Platão; 2000:VIII, 263)

Para Platão, o Estado deveria ser governado por filósofos, definindo filosofia como a “procura pela verdade, beleza e bondade, a culminação de um rigoroso treinamento científico e moral, no qual a música tem um papel essencial”. (Pont; 1974:290)

- **Ethos**

Tal afirmação baseia-se no conceito de *ethos*, já abordado por outros pensadores pré-socráticos. O *ethos* é “de uma forma generalizada, o caráter moral de uma pessoa. Em música, *ethos* significava o caráter moral a qual a música tende a inspirar na alma.” (Michaelides; 1978: 110)

De acordo com o pensamento pitagoreano, que posteriormente iria influenciar muitos escritos de Platão, o universo é regido através de relações numéricas.

“Uma vez que o homem faz parte do universo, ele está envolto em uma combinação de números e está numericamente relacionado à natureza como uma parte está para o todo (...) Sabendo que a música, segundo Pitágoras, nada mais é que uma unidade composta de relações numéricas, e que a natureza é intrinsecamente boa, a música deve ser avaliada em termos morais. Se os componentes da música tem atributos morais, logo a música em si mesma tem valor moral.” (Portnoy; 1980:7).

Deste e de outros pensamentos originou-se a idéia de que diferentes *harmoniai* causam efeitos diferentes nas pessoas, baseando-se no fato de que as escalas são alturas fixadas por relações numéricas e, como tal, afetam o ser que também é constituído de relações numéricas. Cada harmonia (modo) foi então classificado de acordo com sua característica:

Dório – magnificência, masculinidade, majestade.
Frígio – entusiasmo, excitação, emoção.
Eólio – egocentrismo, exibição, ou mesmo majestade.
Lídio – relaxamento, preguiça, ou mesmo educação, bons modos.
Hipolídio – intoxicação, bebedeira.
Mixolídio – paixão, pessoa retraída ou contida.

Tal classificação encontra divergências, mas resume um pouco o todo.

Com isso em mente, Sócrates discute com Glauco quais harmonias deveriam ser utilizadas e quais não poderiam ser utilizadas na educação:

Sócrates – Quais são as harmonias plangentes? Diz-nos, visto que és músico.

Glauco – São a Lídia mista², a aguda e outras semelhantes.

Sócrates – Convém, pois, suprimi-las, não é verdade? Porque são inúteis para as mulheres honradas e, com maior razão, para os homens (...) Quais são as harmonias efeminadas usadas nos banquetes?

Glauco – A Jônica e a Lídia que se denominam harmonias lassas.

Sócrates – De tais harmonias, meu amigo, tu te servirás para formar guerreiros?

² Neste trecho é necessário fazer uma correção, pois como tal nomenclatura não é usual, recorri ao livro de Oliver Strunk, *Source Readings in Music History* (New York: W. W. Norton, 1950), para verificar a tradução em inglês, onde em tal passagem os modos eram descritos como *Mixolydian* e *Intense Lydian*, um pouco mais esclarecedor.

Glauco – De maneira nenhuma. Receio que não te restem senão a Dórica e a Frígia. (Platão; 2000:III, 91-2)

- **Instrumentos**

Da mesma maneira, Platão questionava os vários instrumentos utilizados em sua época. Uma vez que os modos cantados seriam poucos, logo não seriam necessários instrumentos que “reproduzissem várias harmonias”.

Sócrates – Nem tampouco precisaremos de fabricantes de triângulos³, *pectis*, e outros instrumentos de muitas cordas e harmonias.

Glauco – Não, aparentemente.

Sócrates – Admitirás em nossa cidade os fabricantes e os tocadores de flautas? Não é este instrumento que pode emitir mais sons, e os instrumentos que reproduzem todas as harmonias não são imitação da flauta?⁴

Glauco – É evidente.

Sócrates – Assim, restam a lira e a cítara, úteis à cidade; nos campos, os pastores terão o píforo⁵. (Platão; 2000:III, 92-3)

Por fim, Sócrates diz não estar inovando ao preferir Apolo e seus instrumentos a Mársias e seus instrumentos.

- **Ritmos**

Quanto aos ritmos, Sócrates se porta da mesma forma. Rejeitando os ritmos variados e que formam cadências de toda a espécie, procura por aqueles que exprimem uma “vida regulada e corajosa”, afirmando que são as cadências que devem se moldar às palavras, e não as palavras às cadências e melodias.

Sócrates – Consultaremos depois Damon e perguntar-lhe-emos quais são as cadências que convém à baixeza, à insolência, à loucura e aos outros vícios, e que ritmos se devem deixar para seus contrários. Creio tê-lo vagamente ouvido pronunciar os nomes de eunóplio composto dáctilo,

³ *Trigonon*. Ibid.

⁴ *Aulos*. Ibid.

⁵ *Syrinx to pipe on*. Ibid.

heróico, mas não sei que arranjo dava a este último ritmo, em que igualava os tempos fracos e os tempos fortes e que terminava com uma breve e uma longa (...) Mas o bom e o mau ritmo seguem e imitam, um, o bom estilo, outro, o mau, e o mesmo acontece com a boa e a má harmonia, quando o ritmo e a harmonia se harmonizam com as palavras, como dizíamos a pouco, e não as palavras com o ritmo e a harmonia. (Platão; 2000:III, 93-4)

Comparando com outras artes diz que “a boa harmonia, a graça e a eurritmia dependem da simplicidade do caráter”, e que os “jovens devem procurar em tudo essas qualidades, se quiserem realizar a tarefa que lhes é própria”. (III, 94)

- **Tradição versus inovação**

Na cidade ideal, a educação do indivíduo seria bastante conservadora, havendo pouquíssimas brechas ou quase nenhuma para a inovação.

Afirmando que “se nossos jovens forem convenientemente educados e se tornarem homens esclarecidos, compreenderão facilmente tudo isso”, Sócrates chega a conclusão de que “um bom sistema de educação e instrução, quando preservados de toda e qualquer alteração, cria bons caracteres”. (IV, 120)

Sócrates – Finalmente, resumindo, faz-se necessário que os responsáveis pela cidade se esforcem por que a educação não se altere sem seu conhecimento, que velem por ela a todo momento e, com todo o cuidado possível, evitem que nada de novo, no que diz respeito à ginástica e à música, se introduza contra as regras estabelecidas, com receio, de que, se alguém disser ‘Os homens apreciam mais os cantos mais novos,’ vá se imaginar talvez que o poeta se referir não árias novas, mas a uma nova maneira de cantar, e que disso se faça o elogio. Ora, não se deve nem louvar nem admitir semelhante interpretação, porque é de recear que a passagem a um novo gênero musical ponha tudo em perigo. Com efeito, nunca se atacam as formas da música, sem abalar as maiores leis das cidades, como diz Damon, e eu concordo com ele. (Platão; 2000:IV, 120-21)

Segundo Portnoy:

“O termo música (*Musiké*) para os gregos conotava um conceito duplo. No primeiro, está incluída numa das partes do currículo educacional tais como escrita, matemática, desenho e poesia. Na segunda, era empregada da maneira que usamos hoje em dia; ou seja, no sentido estrito da palavra.” (1980:21)

Como toda filosofia de Platão se baseava na boa educação do indivíduo, é de se entender que ele quisesse ter total controle sobre o que era ensinado aos jovens, e aplicando o conceito de *ethos* num contexto mais generalizado, seria necessário restringir toda a educação musical do cidadão para, como numa pesquisa científica, ter controle sobre o produto final.

Ao controlar os modos utilizados, os ritmos e cadências utilizadas, e até mesmo os instrumentos utilizados, seria possível prever que caráter teria o indivíduo que passasse por esse tipo de educação. Mas, se ao contrário, houvesse espaço para inovações, seria impossível prever que tipo de moral teria o mesmo.

E sabendo que nada é imutável ou impassível de alteração, Platão prevê a possível dissolução dessa forma de governo:

Sócrates – . . . É difícil que um Estado como o vosso venha a se alterar. Porém, como tudo é passível de corrupção, este sistema de governo não durará eternamente, mas dissolver-se-á, e aqui tens o modo. . . Pois bem, por muito sábios que sejam os chefes da cidade vós educastes, não conseguirão nada pelo cálculo unido à experiência, quer suas gerações sejam boas ou não venham a existir. Estas coisas escapar-lhe-ão e farão filhos quando não o deveriam. . . É este número geométrico que determina os bons e os maus nascimentos e, quando os vossos guardiões, não o conhecendo, unirem moças e rapazes fora de propósito, os filhos que nascerem desses casamentos, não serão favorecidos nem pela natureza nem pela fortuna. Os seus antecessores colocarão os melhores à cabeça do governo, mas, como disso são indignos, logo que assumirem os cargos dos seus pais passarão a menosprezar-nos, apesar de serem guardiões, não honrando, como deveriam, primeiramente a música, em seguida a ginástica. Assim, tereis uma geração nova bem menos culta. (Platão; 2000:VII, 260-61)

A Música Pós-Platão

Para Julius Portnoy, a estética da música ocidental tem suas raízes na filosofia de Platão, sendo que seus escritos influenciam a música até os dias atuais. (1980:x). Já o filósofo Alfred North Whitehead (1861-1947), “disse que o desenvolvimento da filosofia ocidental tem sido uma mera adição de notas de rodapé a Platão.” (Portnoy; 1980:191).

Apesar dos pensamentos sobre a educação musical que Platão desenvolveu na *República* e no livro *Leis*, serem bastante contextualizados, diria até idiomáticos de sua era, alguns pontos permaneceram úteis à posteridade.

Aristóteles, que foi discípulo de Platão, seguiu a maior parte dos ideais educacionais do mestre, divergindo somente em alguns pontos. Já Aristóxenes, que foi discípulo de Aristóteles, discordava em mais aspectos, tais como uma maior liberdade para a criação musical, e conseqüentemente suas inovações, e na liberdade do indivíduo para através de sua sensibilidade e razão poder discernir o que era música boa e música ruim.

É Boécio quem transfere a filosofia platônica para a Idade Média, que a partir de então, influenciaria cada vez mais a civilização ocidental.

É sabido o poder concedido à música pelas religiões, que acreditavam poder catequizar e conquistar adeptos através da música. Mas também eram muito conservadores em relação a inovação, regulando qualquer tipo de música utilizada pela Igreja.

Alan P. Merriam em seu livro *The Anthropology of Music*, cita dez funções da música, entre as quais a que mais se relacionam com as teorias platônicas são a de resposta física, a de fazer cumprir normas sociais, e de validação de instituições sociais e rituais religiosos. Em cada uma delas é possível encontrar uma relação próxima com o que Platão creditava à música, por exemplo, quanto a resposta física pode se fazer um paralelo a teoria do *ethos*, e a influência dos modos no caráter, provocando uma reação física no indivíduo; a de

fazer cumprir normas sociais fará com que o indivíduo se amolde aos padrões existentes, sem se rebelar contra o sistema; e a de validação de instituições sociais e de rituais religiosos, podemos imaginar os hinos pátrios, marchas militares, e ofícios litúrgicos.

Provavelmente o principal ponto de convergência entre Platão e as atitudes adotadas pela Igreja e pelo estado é o uso da música para alcançar uma moral sólida.

Segundo Fletcher:

“A educação compreendia as sete *liberal arts*, as quais eram as bases do pensamento platônico, pela primeira vez claramente formuladas no primeiro século D.C. (...) Elas compreendiam três *literary arts*: gramática, retórica e dialética; e quatro braços da matemática: geometria, aritmética, astronomia e teoria musical (...) e estas ainda são a base da educação universitária, logo, influenciando o ensino primário e secundário.” (1989:8-9)

Obviamente, não vou aqui questionar ou reafirmar a importância que Platão teve na sociedade ocidental, através de seus pensamentos filosóficos; mas quero sim deixar registrado sua influência na atitude musical ocidental, que apesar de por um lado reconhecer a força da música na sociedade, sendo utilizada das mais diversas formas, ela continua sendo desprezada no sistema educacional de muitos países, e negligenciada. É importante que de vez em quando olhemos para trás, e vejamos o que já foi pensado e feito em relação à música, para podermos melhor definirmos nossas metas e objetivos, afim de que possamos nos harmonizar com os ideais platônicos de buscar a verdade e a justiça, tornando-nos melhores cidadãos, conseqüentemente mais felizes.

Bibliografia

- Anderson, Warren. 1980. "Plato." In *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. 20 vols. Stanley Sadie, ed. Washington: Macmillan. Vol. 14, pp. 853-57.
- Cotrim, Gilberto. 1994. *Fundamentos da Filosofia*. 9ª ed. São Paulo: Saraiva.
- Fletcher, Peter. 1989. *Education and Music*. Oxford: Oxford University Press.
- Florido, Janice, coord. ed.. 2000. *Platão*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural.
- Merriam, Alan P. 1964. *The Anthropology of Music*. Evanston, Ill.: Northwestern University Press.
- Michaelides, Solon. 1978. *The Music of Ancient Greece: An Encyclopedia*. London.
- Pesanha, José Américo Motta. 1996. "Sócrates: Vida e Obra". In *Sócrates*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural.
- Platão. 2000. *A República*. Coleção Os Pensadores. Enrico Corviseri, trad. São Paulo: Nova Cultural.
- Pont, K. G. 1974. "A Philosophy of Music Education." In *Challenges in Music Education*. Perth, Western Australia: Department of Music, The University of Western Australia, pp. 290-94.
- Portnoy, Julius. *The Philosopher and Music: a historical outline*. New York: Da Capo Press, 1980.
- Strunk, Oliver. 1950. *Source Readings in Music History: from classical antiquity through the romantic era*. New York: W. W. Norton.